



Dentro da noite escura

ALEXANDRE BONAFIM*



a Donizete Galvão

¡O noche amable más que la alborada!

(SAN JUAN DE LA CRUZ)

I

O silêncio, feito correnteza
de instantes amordaçados,
corta meus pulsos,
acorrenta meus sonhos,
atirando-me na procela
de pensamentos desfeitos.

Apesar do branco da página,
da lâmina e do nada,
o poema se insurge
como iluminura, tênue flama
a incendiar o acaso.

II

Morre o poema?
Jamais.
Mesmo sem nascer
ele nos inscreve
no absoluto do Verbo,
na plenitude do real.

III

Os acidentes, o grito,
a pedra, a faca,
erguem-se contra a mão
pronta para colher
o sal das palavras.

Os desastres todos da existência
revoltaram-se contra o poema.
Todavia esse sopro ofusca o sol,
arrebenta-se contra as tempestades
e inscreve no nada o leve
adejar dos milagres.

IV

O que pode a morte contra o poema?
Qual a força do desespero ante o encantamento
vindo do clamor fecundo da vida?
O que pode o nada contra a fúria da palavra?
Qual solidão é capaz de destruir esse sopro
feito do ardor de toda fragilidade?

O poema abre o peito contra a tarde,
contra o delírio dos desastres
e se joga do mais alto precipício
até despencar desnudo
no êxtase pleno da vida.

V

Os algozes preparam a força!
Os chacais conclamam o grito!
Os traidores preparam a armadilha!
Mas o poema, de rosto límpido,
tingido pela diáfana luz da manhã,
atravessa, serenamente, os pórticos,
os corredores, o Gólgota,
com a serenidade daqueles
que amaram a Vida
acima de todas as coisas.
No cume do martírio,
todos escarram na face
do poema.
Todos riem da mansidão
desse cordeiro sereno.
Ao lado de cada chaga
a ferir as palavras,
há uma mãe em pranto,
em oração.
Ao lado do sangue desse cálice,
há sempre um irmão mais jovem,

* Poeta, ficcionista, crítico, doutorando da USP em Literatura Portuguesa, autor do blog de poesia Arquipélago do Silêncio. Publicou os seguintes livros de poesia: *Biografia do deserto* (2006), *A outra margem do tempo* (2008), *Sob o silêncio do anjo* (2009) e *Sagração das despedidas* (2009).

a exortar a força do Verbo.
 O poema caminha despido
 de ódio, desfeito em amor.
 No final de todo silêncio
 uma ressurreição conclama
 a iluminação das palavras.

VI

Senhor! Senhor!
 Que noite escura é essa,
 a mais densa, a da alma?
 Senhor! Senhor!
 Minha boca cortou-se na sede!
 Meus pulsos rasgaram-se no deserto!
 Senhor! Senhor!
 Que treva noturna é essa,
 que me enteva em toda lança,
 que me amputa em toda cama?
 Senhor! Senhor!
 Meus sonhos rasgaram-se em brancas páginas!
 Minhas palavras quebraram-se em turvas sombras!
 Senhor! Senhor!
 Que noite escura é essa,
 a mais árdua, a da alma?
 Estou abandonado e ferido!
 Perdi pai e mãe, filhos e irmãos!
 Senhor! Senhor!
 Que desespero é esse,
 feito dessa humanidade
 tão ínfima, tão cortante?
 Senhor! Senhor!
 Que noite escura é essa,
 a mais férrea, a do silêncio?

VII

Da noite nasceu o fogo,
 uma música desceu dos céus.
 Em toda casa fez-se nascimento.
 Em toda boca insurgiu-se o canto.
 Ele veio do mais alto sol,
 da pátria mais distante.
 Trazia os pássaros ao mundo,
 a água aos mares.
 Em todo recanto nasceram rosas,
 bosques de olorosa seiva.
 Os desertos tornaram-se fecundos rios.
 As geleiras abriram-se em delicados jardins.
 Ele vinha festejando as magias,
 acalentando nuvens,
 celebrando vinhas.
 Os cabelos esbatidos pelo mistério.
 A barba crespa, dourada em dulcíssimo mel.
 Os olhos fecundos de maresias
 e veleiros de ardentes crepúsculos.
 Nunca a beleza foi tão humana.
 Nunca o encanto foi tão humilde.
 De seus braços nasciam as constelações.
 De seu peito escorriam as galáxias.
 Os cegos abriram os olhos para o Poema.
 Os paralíticos dançaram até o Verbo.
 Os assassinos pacificaram-se na Palavra.
 Ele veio serenamente
 e semeou o pão e o vinho
 no deserto dessa página.

Recebido: 09 julho de 2009
 Aprovado: 30 agosto de 2009